

Reação ao Brasil é exagerada, diz Singh

Diretor do FMI elogia Banco Central e espera que situação volte ao normal após as eleições

JOÃO CAMINOTO

Correspondente

LONDRES – O diretor do Departamento para o Hemisfério Ocidental do Fundo Monetário Internacional (FMI), Anoop Singh, disse ontem que os mercados estão reagindo exageradamente em relação ao Brasil e manifestou a sua confiança no Banco Central do País. Singh explicou que o País está dentro da linha prevista no atual programa do FMI.

O economista indiano, que participa em Londres de um seminário do Instituto de Finanças Internacionais (IIF, na sigla em inglês), disse que o Banco Central brasileiro tem se pautado por uma conduta responsável e competente.

“O BC conta com uma alta credibilidade, e a sua competência não deveria ser colocada em questão”, afirmou. Segundo Singh, boa parte da atual volatilidade está sendo causada pela sucessão presidencial no País. “Está havendo uma reação exagerada dos mercados”, disse ele. “Após a eleição, veremos condições mais normais para o Brasil.”

O diretor do FMI salientou que a economia brasileira continua apresentando “fortes fundamentos”. Questionado se o País teria necessidade de elevar o seu superávit primário, ele disse que o Brasil já apresenta forte superávit primário. Ele ressaltou ainda que houve nos últimos anos um fortalecimento das instituições financeiras do País.

Contágio – Durante conferência realizada ontem em Nova York, o subsecretário do Tesouro dos EUA para Assuntos Internacionais, John Taylor, afirmou que uma das mais “profundas e benéficas” mudanças ocorridas no último ano nos mercados emergentes é o fato de o contágio entre as economias ter diminuído “dramaticamente”.

“Nós continuamos a enfatizar os pontos destacados no começo da administração

Bush, de que o contágio não é inevitável e de que a aceitação acrítica das alegações de contágio não deveria constituir a base para financiamentos oficiais de grande escala”, disse Taylor. Segundo o subsecretário, os países em crise deveriam depender me-

nos de grandes pacotes de ajuda, “de modo que as expectativas dos investidores possam ajustar-se de maneira suave às novas políticas do setor oficial”.

Sobre as iniciativas em andamento para melhorar os processos de reestruturação de dívidas soberanas, ele lembrou que o G-7 recentemente expressou apoio à proposta de acrescentar cláusulas de ação coletiva nos contratos de bônus soberanos; essas cláusulas especificariam os procedimentos para uma reestruturação. “Com o apoio do setor privado, do setor oficial e de alguns países emergentes às cláusulas de ação coletiva, o momento parece apropriado para avançar e realmente incluir tais cláusulas em novas emissões. Isso seria um tremendo passo adiante. Qualquer demora será lamentável”, disse Taylor. (Com Dow Jones Newswires)

FUNCIONÁRIO
AMERICANO VÊ
REDUÇÃO DE
CONTÁGIO